



RECONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO DOMÉSTICO EM VERMELHO AMARGO: CORPO, MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA TOPOFÓBICA

RECONFIGURATIONS OF DOMESTIC SPACE IN *VERMELHO AMARGO*: BODY, MEMORY, AND TOPOPHOBIC EXPERIENCE

Solange Viaro Padilha¹

RESUMO:

O presente artigo insere-se no campo dos estudos sobre espaço e literatura, articulando fenomenologia do espaço e geografia humanista para examinar as representações do espaço doméstico no romance *Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós. Analisar de que modo a casa, inicialmente constituída como lugar de intimidade, pertencimento e proteção, é progressivamente reconfigurada em decorrência da morte da mãe e das alterações nas relações familiares. A pesquisa adota a abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise da obra literária à luz de referenciais teóricos voltados à espacialidade, à memória, ao corpo e à topofilia. A análise evidencia que o espaço doméstico atravessa um processo de transformação simbólica e deixa de operar como núcleo de acolhimento e estabilidade, passando a ser marcado pelo esvaziamento afetivo e pela intensificação da ausência. Observa-se, ainda, o surgimento de uma experiência topofóbica que altera a percepção do habitar e redefine os sentidos atribuídos à casa. Conclui-se que a ressignificação do espaço doméstico constitui um dos eixos estruturantes da narrativa. O desamparo funciona como princípio organizador da subjetividade do protagonista e da construção romanesca, ressaltando a centralidade das relações entre espaço, corpo e memória na produção de sentido.

Palavras-chave: *Vermelho amargo*; Espaço doméstico; Corpo; Memória; Topofobia.

ABSTRACT:

This article is situated within the field of spatial and literary studies, drawing on the phenomenology of space and humanistic geography to examine representations of domestic space in the novel *Vermelho amargo* by Bartolomeu Campos de Queirós. To analyze how the house, initially constituted as a place of intimacy, belonging and protection, is progressively reconfigured as a result of the mother's death and changes in family relationships. This research adopts a qualitative, bibliographic, and interpretive approach, based on the analysis of the literary work through the lens of theoretical frameworks concerned with spatiality, memory, corporeality, and topophilia. The analysis shows that the domestic space undergoes a process of symbolic reconfiguration and ceases to function as a locus of shelter and stability, becoming marked by affective emptiness and the intensification of absence. It also identifies the emergence of a topophobic experience that alters the perception of dwelling and redefines the meanings attributed to the house. It is concluded that the resignification of domestic space constitutes one of the structuring axes of the narrative. Helplessness operates as an organizing principle of both the protagonist's subjectivity and the novel's construction, highlighting the centrality of the relationships among space, body, and memory in the production of meaning.

Keywords: *Vermelho amargo*; Domestic space; Body; Memory; Topophobia.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professora do curso de Letras Português-Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: solange.viario@pucpr.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8935-5067>.

O lar é um lugar onde as coisas podem dar errado.

(David Lynch)

1. INTRODUÇÃO

Publicado em 2011, *Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós, insere-se na versão memorialística que atravessa a obra do autor, marcada pela elaboração da infância, da perda e dos processos de constituição do sujeito por meio de uma prosa de forte densidade poética. Historicamente associado à literatura juvenil, o romance apresenta uma complexidade estética e reflexiva que o insere plenamente no cenário da produção literária brasileira contemporânea, especialmente no que se refere à memória como construção narrativa e à linguagem como instância de simbolização da experiência.

Este artigo discute de que modo a representação do espaço doméstico em *Vermelho amargo* reconfigura a vivência do habitar e intervém na constituição subjetiva do narrador após a perda materna. Sustenta-se que o romance desloca a tradição que associa a casa à intimidade e à proteção, convertendo-a em espaço de desamparo, no qual memória, corpo e linguagem se articulam como instâncias de elaboração do luto.

A morte da mãe desencadeia uma reorganização do espaço doméstico e do campo existencial do narrador, cuja voz retorna à infância não para restaurá-la, mas para interrogá-la a partir de sua fratura constitutiva. Nesse movimento, o texto de Queirós inscreve a perda simultaneamente na materialidade da casa, na percepção do corpo e na própria linguagem.

Para Gaston Bachelard (1978), a morada constitui o primeiro universo do ser humano, espaço de acolhimento e imaginação. Em *Vermelho amargo*, contudo, a casa se afasta dessa configuração, delineando-se como território de ruptura íntima. A perspectiva da geografia humanista, especialmente em Yi-Fu Tuan, contribui para compreender esse deslocamento ao distinguir espaço e lugar e conceber a topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1980, p. 5). No romance, esse vínculo é tensionado, e o espaço doméstico, antes estruturado pela presença materna, converte-se em ambiente de estranhamento.

Referindo-se à topofobia, Dylan Trigg observa que “o conceito permanece ambíguo o suficiente para incluir todo um espectro de relações que uma pessoa pode ter com um lugar” (Trigg, 2017, p. xxi, tradução nossa)². Essa lente analítica desvela o medo infantil que atravessa o narrador

² No original: “the concept remains ambiguous enough to include an entire spectrum of relations a person might have with place”

após a morte da mãe, quando a casa deixa de operar como referência de segurança e passa a ser percebida como espaço de vigilância e retraimento. A chegada da madrastra intensifica essa cisão: o ambiente, antes mediado pelo cuidado materno, converte-se em cenário de ameaça velada.

À luz da distinção proposta por Tuan entre espaço e lugar – este último entendido como espaço investido de valor e afeição – observa-se a ruptura do vínculo topofilico que sustentava a vivência infantil. Se o lugar se define pela segurança e familiaridade, sua desestabilização gera fragilidade. Afinal, como afirma o teórico, “Na presença das figuras parentais, as crianças estão e se sentem seguras. Sozinhas, sentem-se vulneráveis” (Tuan, 2013, p. 28, tradução nossa)³. No romance, a ausência da mãe dissolve essa proteção, instaurando uma experiência de instabilidade relacional, uma topofobia silenciosa.

Luis Alberto Brandão (2013), ao retomar Félix Guattari, destaca a inseparabilidade entre corpo e espaço vivido. Em *Vermelho amargo*, essa relação fundamenta uma geografia emocional na qual a perda materna se inscreve simultaneamente na materialidade da casa e na corporeidade do narrador. O espaço doméstico deixa de proteger e passa a configurar-se como território de desamparo, enquanto a recorrência do vermelho intensifica uma paisagem anímica sublinhada pela ausência.

Propõe-se, nesse contexto, a noção de topofobia silenciosa como operador interpretativo da experiência espacial no romance. Trata-se de um processo gradual de esvaziamento afetivo do espaço doméstico, no qual a casa mantém sua função referencial, mas perde sua potência de abrigo, dando lugar a uma vivência permeada pela fratura e pelo medo difuso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente seção apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a análise da casa como categoria central para a compreensão da experiência espacial. Em diálogo com a fenomenologia do espaço e com a geografia humanista, o habitar é compreendido como processo de constituição simbólica e subjetiva do mundo, no qual memória e identidade se articulam na produção do espaço vivido. Nesse horizonte, a casa ultrapassa sua dimensão material e passa a operar como eixo de organização da interioridade e das relações com o espaço experienciado. Em *Vermelho amargo*, esse referencial permite compreender, por um lado, a construção da casa

³ No original: “In the presence of parental figures, children are and feel secure. Alone, they feel vulnerable.”

como centro de intimidade na infância do narrador e, por outro, problematizar seu deslocamento progressivo diante da perda materna e das reconfigurações do núcleo familiar.

2.1 A casa como centro simbólico: fenomenologia do espaço e experiência do habitar

A reflexão sobre a casa ocupa posição central na tradição fenomenológica dedicada à espacialidade. Em *A poética do espaço*, Bachelard afirma que “a casa é nosso canto do mundo. Ela é [...] nosso primeiro universo. Ela é um verdadeiro cosmos” (Bachelard, 1978, p. 200). Nessa perspectiva, a habitação ultrapassa sua dimensão arquitetônica e constitui um corpo de imagens que organiza a experiência íntima, oferecendo ao sujeito um eixo de estabilidade. Sótão, porão, escadas e cantos compõem uma verticalidade simbólica que expressa diferentes camadas da vida psíquica. Habitar significa inscrever-se em um centro a partir do qual o mundo adquire forma e inteligibilidade.

Essa concepção integra uma tradição que compreende o espaço como fundamento da experiência humana. Em *O homem e o espaço*, Otto Friedrich Bollnow sustenta que “por toda parte, o espacial oferece a base para o entendimento do mundo espiritual” (Bollnow, 2008, p. 51-52), acrescentando que a compreensão da existência depende de um esquema espacial. O espaço deixa de figurar como cenário neutro e passa a atuar como estrutura que condiciona a constituição do sujeito. A interioridade encontra nesse ordenamento sua possibilidade de organização simbólica.

Nesse horizonte, a habitação adquire função central na orientação existencial. Bollnow observa que, “no fundo e no escuro se encontra, de algum modo, a pátria de sua infância. Atrás da casa aparece logo, a casa, não mais como um real ponto de referência, mas como um território central de todas as relações espaciais” (Bollnow, 2008, p. 61). A formulação ilumina o modo como a infância fixa o lar como centro simbólico duradouro, ainda que o espaço físico se altere. Mesmo quando deixa de garantir abrigo concreto, ele permanece como referência estruturante da memória e da identidade.

A geografia humanista amplia esse debate ao enfatizar o caráter experiencial do lugar. Tuan (1983) distingue espaço e lugar, definindo este último como espaço imbuído de significado. O lugar constitui-se quando o ambiente é vivido, lembrado e nomeado. O conceito de topofilia designa o vínculo afetivo que converte extensão em território significativo. Em diálogo com Bachelard, Tuan desloca a ênfase para a dimensão relacional da espacialidade, na qual memória e afeto sustentam a formação do lugar.

Ao afirmar que, para a criança, o lugar primário é a mãe – foco de cuidado e segurança –, Tuan (1983) argumenta que, na visão infantil, a espacialidade é indissociável da vivência relacional. O vínculo materno proporciona o sentimento de pertencimento e articula a percepção do entorno. Tal ponto de vista permite compreender que a casa não funciona como entidade autônoma, pois sua densidade simbólica depende das relações que a constituem.

Em *Vermelho amargo*, essa tradição teórica revela sua potência e seus limites. Antes da morte materna, a casa configura-se como centro mobilizador da experiência infantil. Após a partida da mãe, o espaço permanece materialmente reconhecível, mas perde progressivamente sua carga emocional. O rearranjo dos objetos, a alteração dos rituais cotidianos e a nova dinâmica imposta pela madrasta modificam a disposição física do ambiente e, como consequência, atingem a estrutura simbólica que o sustentava. O que era ninho (Bachelard, 1978) e se apresentava como abrigo aproxima-se de um espaço descentrado, atravessado por instabilidade.

Brandão (2013) contribui para essa problematização ao afirmar que “‘o espaço da identidade’, sem dúvida, é marcado não apenas por convergência de interesses, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também por divergência, isolamento, conflito e embate” (Brandão, 2013, p. 31). A casa deixa de corresponder a uma unidade harmônica e passa a reunir tensões que incidem sobre a formação do sujeito. Em vez de cenário estável, assume a condição de campo de forças no qual pertencimento e desenraizamento coexistem.

A leitura do romance exige reconhecer essa tradição que associa casa e intimidade para, em seguida, examinar sua inflexão estética. Se, na fenomenologia do espaço, a casa ordena o mundo anímico e funciona como centro de orientação, em *Vermelho amargo* esse eixo se desloca. A ruptura do vínculo que investia o ambiente de sentido altera o modo de habitar. A casa continua a estruturar memória e identidade, mas perde a condição de abrigo incontestável; torna-se território ambíguo, opressor, no qual se delineia uma hostilidade íntima.

Ao articular fenomenologia do espaço, geografia humanista e leitura literária, este estudo propõe compreender a casa em *Vermelho amargo* como um espaço desestabilizado que reorganiza a experiência do habitar sob o signo do desamparo e de uma topofobia silenciosa. Esse redirecionamento evidencia que a perda não se reduz a acontecimento temático, mas se constitui como princípio estruturante da relação entre espaço, memória e subjetividade.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, fundamentada na análise textual do romance *Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós. A leitura privilegia a articulação entre forma literária e experiência espacial, com atenção a imagens, objetos, cores e metáforas que estruturam a construção do espaço narrativo.

O procedimento analítico apoia-se em um diálogo interdisciplinar entre fenomenologia do espaço, geografia humanista e filosofia da percepção. As contribuições de Gaston Bachelard, Otto Friedrich Bollnow e Yi-Fu Tuan orientam a compreensão da casa como centro simbólico e do lugar como espaço de acolhimento, enquanto Maurice Merleau-Ponty fundamenta a análise das relações entre corpo e espacialidade.

A análise estrutura-se a partir de quatro eixos temáticos: (i) a reconfiguração da casa após a perda materna; (ii) a materialidade doméstica como suporte de memória; (iii) as relações entre corpo e espaço; e (iv) a linguagem como instância de elaboração simbólica. As passagens selecionadas da obra são mobilizadas como elementos de análise, preservadas em sua forma original, de modo a sustentar a leitura crítica do romance.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção reúne a análise dos elementos que estruturam a experiência do narrador em *Vermelho amargo*, articulando espaço, memória e subjetividade. Parte-se da destituição da casa como lugar de intimidade para examinar seu desvio em direção ao desamparo, considerando, em seguida, o papel da materialidade doméstica e do corpo na inscrição da perda. Na sequência, discute-se o desamparo como dimensão constitutiva do processo formativo, para, por fim, abordar a linguagem como espaço de reorganização simbólica da experiência.

4.1 Deslocamento crítico: da intimidade ao desamparo

Vermelho amargo tensiona de modo incisivo a tradição da casa como centro de intimidade ao representar sua transformação em espaço de desamparo. A partir dessa inflexão, delineia-se o que se denomina, neste estudo, topofobia silenciosa. Se, conforme Bollnow (2009), a casa oferece à criança um centro de orientação existencial, no romance esse eixo perde estabilidade após a morte materna.

A cozinha, reiteradamente focalizada na narrativa, assume centralidade simbólica nessa engrenagem. Longe de configurar núcleo acolhedor, converte-se em cenário de imposição e ameaça difusa: “A madrasta retalhava um tomate em fatias, assim finas, capaz de envenenar a todos. [...] Afiando a faca no cimento frio da pia, ela cortava o tomate vermelho, sanguíneo, maduro, como se degolasse cada um de nós” (Queirós, 2011, p. 9). No trecho em questão, o cotidiano sofre transfiguração violenta. O vermelho – associado ao alimento, ao sangue e à carne – perde sua conotação vital e adquire tonalidade de excesso e contaminação. O espaço que outrora condensava cuidado materno passa a materializar tensão e vigilância. Além de representar a violência simbólica, a cena materializa, nos atos rotineiros, a instalação do medo não verbalizado e a consolidação dessa atmosfera inóspita.

A evocação dos laços originários reforça a dimensão estrutural da perda: “Não se desata com delicadeza o nó que nos amarra à mãe” (Queirós, 2011, p. 9). A metáfora indica que o vínculo materno não constitui elemento periférico da experiência do habitar; ao contrário, ele organiza o próprio centro simbólico da casa. Ao ser rompido, não apenas a relação primordial se desfaz, mas também o esquema espacial que sustentava a orientação existencial. Inscrita nessa tradição está a premissa de que a casa, mesmo quando não é ponto de referência concreto, permanece como território central preenchido “com nossos significados e relações sentimentais” (Bollnow, 2008, p. 74). No romance, esse centro não desaparece, mas assume uma natureza instável. A casa permanece como o eixo organizador da memória, embora agora funcione como um lugar de fratura e desassossego.

Essa desorientação ultrapassa os limites domésticos. A cidade, dividida por um rio que a corta ao meio, reflete a fragmentação subjetiva do narrador: “A cidade partida me fazia, sempre, um morador do outro lado” (Queirós, 2011, p. 17-18). A separação geográfica deixa de ser um dado cartográfico e assume o papel de metáfora da exclusão. As dimensões externa e interna se fundem, reforçando a tese de que a identidade se forja nos lugares habitados. Ao absorver a lógica da margem e do isolamento, o narrador passa a transitar pelo mundo sem o sentimento de pertencimento; ele encarna a própria fronteira. Essa busca infrutífera por um ponto de ancoragem se manifesta na tentativa de alcançar um espaço que lhe devolva a integridade: “Eu pedalava pelas ruas buscando encontrar-me em cada fim de estrada, no depois da última saudade, na outra margem do rio. Mas também lá eu não estava” (Queirós, 2011, p. 63). A ausência do eu mesmo em territórios novos confirma que a desterritorialização é completa; não há margem que acolha quem se tornou, em essência, o próprio hiato. Se o mundo exterior segrega o sujeito, o espaço íntimo replica esse vazio.

O estranhamento corporal expresso na afirmação “Meu espelho não me reflete” (Queirós, 2011, p. 22) encontra eco literário no poema *Retrato*, de Cecília Meireles, no qual o eu lírico indaga: “_ Em que espelho ficou perdida a minha face?” (Meireles, 1986, p. 84). Em ambos os textos, o espelho realça a percepção fragmentada do eu e revela a distância entre a percepção de si e a imagem refletida, associando memória, perda e descentramento subjetivo.

Queirós desloca o estranhamento para a corporeidade vivida, transformando o próprio corpo em espaço de deslocamento e tensão. Nos dois casos, o espelho não funciona como mediador da identidade, mas como dispositivo que revela a distância entre a percepção interna e a imagem externa, demonstrando que a experiência do eu se constrói em um movimento contínuo de mediação entre memória, afetos e espaço vivido.

Nesse movimento, a casa já não assegura continuidade entre interior e exterior. Sua materialidade – painéis, mesas, cheiros – sustenta uma memória que não consola. O abrigo permanece de pé, mas sua função simbólica se altera. A segurança não depende da estrutura arquitetônica, mas dos vínculos que a investem de sentido. Uma vez rompidos esses laços, o espaço mantém a forma física, porém, perde a densidade anímica que o constituía como lugar. Diante dessa desintegração, a memória atua como tentativa de reorganização do vivido. Ao narrar a casa, o sujeito recompõe fragmentos do passado, interpreta rupturas e reinscreve a ausência na linguagem. A escrita não restitui o centro perdido, mas cria um campo de elaboração da perda.

4.2 Materialidade doméstica, corpo e inscrição da perda

Tendo evidenciado a desestabilização da casa como centro organizador da experiência, importa agora examinar como essa dinâmica se concretiza na materialidade cotidiana e na corporeidade do narrador. Em *Vermelho amargo*, a espacialidade não se constrói por descrições arquitetônicas amplas, mas por detalhes sensoriais: utensílios, alimentos, cores, cheiros e gestos reiterados. O espaço emerge daquilo que se toca, corta, cozinha e ingere.

A cozinha ocupa posição central nesse processo. Antes da morte da mãe, condensava gestos de cuidado e partilha; com a chegada da madrasta, instaura um regime de vigilância e imposição. A reorganização dos utensílios, a alteração dos temperos e a mudança na atmosfera do preparo dos alimentos transformam a ordem sensível da casa. Tanto a disposição material do ambiente quanto sua atmosfera emocional se modificam. A casa revela-se campo de forças no qual a perda se entranha e pode ser sentida nas mínimas coisas.

O vermelho assume, então, uma função estruturante. A cor – associada aos tomates, à carne, ao molho e ao sangue – permeia a narrativa como marca recorrente da percepção. Ela concentra vitalidade e ferida, nutrição e ameaça. Ao infiltrar-se nos gestos cotidianos, converte a cozinha em cenário ambivalente. Nesse contexto, o vermelho matiza a cena, desperta memórias e rompe qualquer expectativa de ordem cronológica: o passado retorna como intensidade sensorial que resiste ao apagamento.

Os artefatos do cotidiano atuam como suportes da memória. Em *Vermelho amargo*, a ausência materna reaparece em detalhes sensoriais: na textura dos alimentos, no som metálico dos talheres e na organização da casa. O passado não retorna como reprodução fiel, mas como reconstrução contínua: “A memória suporta o passado por reinventá-lo incansavelmente” (Queirós, 2011, p. 60), o que reforça o papel ativo da rememoração na reorganização da experiência.

Essa fratura repercute diretamente no corpo: a alimentação compulsória, a repulsa a aromas e sabores e a constante sensação de alerta dão forma física à mutação do espaço. O pensamento de Merleau-Ponty ilumina a leitura ao destacar que “O corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido” (Merleau-Ponty, 1999, p. 122). Desse modo, a dimensão da casa deixa de ser algo externo ao indivíduo para ser assimilada e sentida. O mundo doméstico se manifesta por uma corporeidade marcada pelo luto. O organismo responde ao entorno e absorve essa topofobia silenciosa, que se converte em uma vivência sensorial ininterrupta.

Quando o narrador sugere não habitar plenamente o próprio corpo, essa dissociação reproduz internamente a desorganização do ambiente doméstico, evidenciando uma existência dividida. Consolida-se, assim, uma relação de reciprocidade: a espacialidade molda a experiência sensível, enquanto o indivíduo preserva e reativa a memória do lugar. Dessa maneira, a perda da mãe não permanece restrita a uma lembrança abstrata, mas se inscreve na materialidade e na carne. A casa deixa de ser apenas o cenário da ausência para se tornar também o meio de sua elaboração. É nesse movimento que a escrita emerge como gesto decisivo: ao transformar sensações dispersas em linguagem, o narrador reorganiza a vivência e ressignifica simbolicamente o espaço perdido.

4.3 O desamparo como percurso formativo

A reconfiguração da casa não conduz à dissolução do sujeito, mas deflagra um percurso de amadurecimento marcado pela fragmentação. Experimentar o desamparo, longe de ser um episódio periférico, estrutura a experiência do narrador. Em *Vermelho amargo*, a perda não aparece como acontecimento isolado; ela é uma condição existencial que perpassa o espaço, o corpo e a linguagem. A alegação de que “Nascer é abrir-se em feridas” (Queirós, 2011, p. 18) radicaliza essa perspectiva. O nascimento deixa de remeter a uma origem harmoniosa e passa a indicar a entrada na dor. A vida se apresenta como uma abertura vulnerável, uma fenda que dá início à própria consciência. A metáfora das feridas desloca a compreensão do sujeito para um campo marcado pela incompletude: existir implica estar aberto e, portanto, exposto à falta.

O pavor intensifica esse mecanismo: “O medo interrompe a liberdade, mesmo no coração dos pássaros. A irmã carregava os olhos secos, as mãos cruzadas sobre o coração e raramente se debruçava na janela. As pedras mais antigas, que engravidam a terra, invejariam seu deserto” (Queirós, 2011, p. 21). O temor opera como um dispositivo que suspende o movimento. A imagem dos pássaros, tradicionalmente associada à liberdade, reforça o alcance de tal interrupção. No corpo da irmã, essa paralisia adquire forma visível: as mãos cruzadas sobre o peito indicam um gesto de autoproteção, enquanto a recusa da janela traduz a retração diante do horizonte. O deserto ultrapassa a dimensão espacial para designar uma condição ontológica. A imagem contrapõe a fertilidade atribuída às pedras à aridez da subjetividade infantil, revelando os efeitos do trauma sobre a construção dos vínculos afetivos. O medo produz retração e endurecimento, e a vida interior torna-se estéril como estratégia de sobrevivência.

Nesse contexto, a formação do sujeito não decorre de uma continuidade protetiva, mas da necessidade de elaborar a própria fratura. A casa, ao perder sua função de abrigo estável, converte-se no espaço onde a vulnerabilidade é reconhecida e apreendida. Se considerarmos, conforme propõe Tuan, que o lugar é um foco de valor e cuidado, compreendemos que, para o indivíduo em seus primeiros anos, “a mãe é o primeiro lugar da criança” (Tuan, 1983, p. 32). No romance, a ausência dessa figura central desestabiliza a noção de morada, pois o ambiente deixa de oferecer a segurança necessária para mitigar a fragilidade infantil. A criança descobre, precocemente, que o habitar não assegura proteção; exige, antes, a adaptação a uma ordem emocional incerta. A subjetividade, portanto, constitui-se na tensão entre o desejo de pertencimento e a experiência do desencontro.

A escrita emerge como o gesto decisivo nessa busca: se nascer implica “abrir-se em feridas”, narrar corresponde a examinar essas aberturas para lhes conferir um contorno. A memória não restaura a integridade perdida, tampouco recompõe o centro desfeito da casa; ela organiza a experiência dispersa, transforma o medo em imagem e converte o deserto em linguagem. Desse modo, *Vermelho amargo* desloca a tradição de morada como refúgio e a ressignifica como um território de formação marcado pela fragilidade. A casa não desaparece como matriz, mas permanece como o lugar onde se aprende a conviver com a falta. O sujeito, exposto desde o nascimento, encontra na palavra uma forma de habitar o próprio desamparo.

4.4 A linguagem como espaço: horizonte, pele e reinscrição simbólica

Em *Vermelho amargo*, a linguagem não se limita a relatar experiências; ela constitui o próprio espaço no qual a perda e o desamparo são elaborados. Desde a epígrafe – “Foi preciso deitar o vermelho sobre papel branco para bem aliviar o seu amargor” (Queirós, 2011, p. 5) – revela-se a operação simbólica da escrita. O verbo “deitar” sugere um ato de deposição e transferência: o vermelho, associado ao sangue e à ferida, desloca-se do plano da vivência para a superfície do papel. A escrita não neutraliza o sofrimento, mas o reconfigura, transformando a intensidade sensorial em uma figura passível de leitura.

Essa dimensão material é acentuada pelo projeto gráfico da obra. A capa, em um tom de vermelho profundo, recobre o volume como uma pele, enquanto as bordas coloridas das páginas eliminam a neutralidade do branco e saturam a percepção visual do leitor. A tipografia escura reforça a densidade dessa vivência. Nesse *design*, a correspondência entre a forma material e o tema da narrativa torna-se evidente: as páginas evocam as finas fatias de tomate, fazendo com que a leitura acompanhe o corte da memória e do espaço. Assim, forma e sentido interagem para configurar um campo sensível de inscrição.

A linguagem do romance não se restringe ao suporte físico ou à neutralidade do papel; ela habita o corpo e o horizonte perceptivo como uma extensão da própria existência. Como observa Merleau-Ponty (1999), a percepção é inseparável da corporeidade, e o significado não é algo abstrato, mas emerge da relação sensível entre o sujeito e o mundo. A memória, portanto, grava-se na carne: “Também pela superfície profunda da pele a memória se faz palavra” (Queirós, 2011, p. 30). Nessa imagem, Queirós sugere que a dor e a lembrança não flutuam na consciência, mas estão encarnadas; o corpo converte-se em um arquivo vivo onde a escrita busca traduzir marcas pré-discursivas, quase táteis. Em uma projeção semelhante, o céu é

interpretado como uma superfície de escrita: “Mas também passarinho é uma vírgula pontuando o céu. Eu ensaiava ler as perguntas que preenchiam o azul vazio e os pássaros virgulavam” (Queirós, 2011, p. 30). Ao transformar o horizonte em página, o narrador projeta sua necessidade de ordem no “azul vazio”, tentando decifrar o mundo como um texto em contínua construção, onde até o movimento efêmero dos pássaros atua como pontuação de uma existência que clama por sentido.

A linguagem evidencia sua própria limitação quando confrontada com a densidade do trauma:

Eu possuía, oculto em mim, também o que eu não sabia dizer. Trazia de cor e decifradas algumas palavras: aturdido, suspeito, profundo, deserto, promessa, solidão e um amor condenado a minguar pelo exílio. Cobiçava conhecer mais palavras para nomear o incômodo perpétuo instalado pela dor (Queirós 2011, p. 58).

A análise desse trecho revela que a metalinguagem em *Vermelho amargo* não é apenas um exercício estético, mas um espaço de tentativa e frustração. Percebe-se a tensão entre a necessidade de nomear a dor e a insuficiência da linguagem para contê-la. As palavras acumuladas pelo narrador aproximam-se do sofrimento, mas não o esgotam, o que ressalta o caráter sempre incompleto da elaboração simbólica.

Por outro lado, a cena da leitura materna ilumina a linguagem como território de consolação e refúgio, oferecendo uma alternativa simbólica à aspereza do real:

Ao erguer os olhos do livro, o olhar da mãe vinha vestido com novo luar – eu invejava. Em cada página virada ela se remoçava, afagada pelas viagens, amores, incômodos. O livro aberto era seu berço e seu barco, em suas páginas ela se transmutava. Eu suspeitava que o embaraço das letras amarrava segredos que só o coração decifra. Mas uma certeza me vigiava: ler era meu único sonho viável (Queirós, 2011, p. 19-20).

O ato de ler opera uma metamorfose no sujeito. O livro deixa de ser um objeto estático para se tornar berço (origem e proteção) e barco (trânsito e fuga). Ao confessar invejar o olhar materno “vestido com novo luar” pela experiência estética da leitura, o narrador admite que a literatura é o único espaço capaz de restaurar o viço de uma existência desgastada pelo cotidiano. Desde muito menino ele tem a compreensão de que, se o lar falha como abrigo e o desamparo marca o ambiente doméstico, a palavra pode constituir-se como morada alternativa e refúgio.

Essa dimensão temporal da escrita é acentuada nas tardes liminares que atravessam o romance, transformando o tempo cronológico em tempo psicológico: “Mas havia as tardes, com essências inodoras de crepúsculos. Neste instante de incertezas – entre cores – a vida com suas dúvidas se torna por demais demorada. (Viver fica entre parênteses.)” (Queirós, 2011, p. 58). Limiar entre o dia e a noite, o crepúsculo atua aqui como um espaço de transição onde as certezas se

diluem. Sob essa ótica, “O vetor memória leva a que se considere o espaço segundo a perspectiva de superposição ou confronto de temporalidades” (Brandão, 2013, p. 103), e é justamente nesse entre-lugar que o narrador se encontra. O embate entre passado e futuro produz uma dilatação temporal, efeito que se materializa no uso dos parênteses, os quais funcionam como um intervalo gráfico. Esse recurso enfatiza o estado de suspensão e hesitação do sujeito.

Essa condição existencial e o confronto de tempos encontram uma formulação expressiva na metáfora dos trilhos. A imagem ferroviária articula a espacialidade e a temporalidade da perda: “Ao tomar o trem, a partida da mãe fora anunciada. Crescia sem raízes. Desprendia-se fácil do chão. Ao ignorar a origem descosturou o futuro. Seus olhos atravessavam as coisas e vazavam no depois” (Queirós, 2011, p. 55). O nascimento da irmã, que coincide com a morte da mãe, converte a chegada e a partida em um mesmo acontecimento. Essa figura sintetiza a transitoriedade da existência ao articular o deslocamento geográfico com as dimensões emocional e existencial.

A linguagem, portanto, atua como campo de reinserção do sujeito no mundo. O livro, as palavras, o corpo e o horizonte tornam-se superfícies para a inscrição da experiência. Não se trata apenas de conferir forma à dor, mas de estabelecer um espaço de mediação entre memória, emoção e percepção. O ato de escrever, ler e rememorar permite que o narrador ocupe o hiato existencial de modo ativo, transformando o espaço da narrativa em um território de contemplação e organização do vivido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Vermelho amargo*, Bartolomeu Campos de Queirós reconstrói a infância como um território existencial em que memória, corpo e casa se entrelaçam. A análise demonstrou que a casa, inicialmente associada à intimidade e ao acolhimento, passa por profundas transformações após a morte materna e deixa de operar como centro estável de orientação. Ao deslocar a tradição fenomenológica que concebe o ambiente doméstico como abrigo seguro, o romance tensiona a poética do espaço ao revelar que o habitar depende dos elos emocionais que sustentam a percepção de segurança (Bachelard, 1978). Quando esses laços se rompem, o lar deixa de ocupar uma posição de centralidade simbólica e converte-se em um espaço marcado pela ausência e pela tensão, desencadeando uma experiência tofóbica que desestabiliza a percepção do narrador (Tuan, 2001; Trigg, 2017).

O corpo emerge como uma dimensão sensível desse desalento subjetivo, inscrito pela perda e pela desorientação. A fragmentação da casa repercute na corporeidade do narrador, enquanto a memória reorganiza os vestígios do vivido e atua como princípio de elaboração da ausência. Objetos, cores, gestos e sabores associados à casa funcionam como mediadores da lembrança e revelam que a falta materna atravessa simultaneamente o espaço, a percepção e a linguagem.

A escrita assume papel fundamental nesse movimento de rememoração ao possibilitar a ressignificação do luto e a construção de uma geografia emocional capaz de articular memória e vivência. Nesse sentido, a noção de topofobia silenciosa, proposta neste estudo, permite compreender formas de estranhamento em relação ao espaço que não decorrem de ameaças materiais explícitas, mas da erosão dos vínculos de pertencimento que sustentam a permanência no lugar. Em *Vermelho amargo*, a casa permanece como referência central da trajetória do narrador, embora tenha sua função simbólica significativamente alterada pela morte materna.

Desse modo, o romance sugere que a formação do sujeito ocorre na relação entre desamparo, memória e linguagem. Ao converter a vulnerabilidade em narrativa, Bartolomeu Campos de Queirós faz da casa um lugar privilegiado de constituição da subjetividade, reafirmando a relevância das relações entre espaço, corpo e memória para a produção de sentidos na literatura⁴.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**: Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Joaquim José Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

TRIGG, Dylan. **Topophobia: A Phenomenology of Anxiety**. London, New York: Bloomsbury, 2017.

⁴ Ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (ChatGpt) foram utilizadas como apoio à tradução do resumo e ao aprimoramento da fluidez textual e da linguagem acadêmica deste artigo. Todo o conteúdo intelectual, incluindo a concepção, a análise e as conclusões da pesquisa, é de inteira responsabilidade da autora.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Landscapes of Fear.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.